

Rui do Carmo

Poeta, fundador do Movimento Literário Extremo Norte

“A leitura é essencial para ingressar no mercado de trabalho, exercer cidadania, conhecer a ti, teu próximo, as diferenças.”

Entrevista realizada por Fabio Maleronka Ferron e Sergio Cohn
no dia 15 de abril de 2010, em São Paulo.

Rui do Carmo

O Movimento Literário Extremo Norte é antes de tudo uma afirmação da cultura fora do eixo hegemônico do Sul e Sudeste. Não tem financiamento fixo de governos e conta com a mobilização de escritores, poetas e amantes da literatura. Rui do Carmo é um desses agitadores. Nasceu em 1958 em Belém (PA) e é autor de quatro livros, entre eles *Versos Pretos*, *Versos Pobres* e *O Anjo Marajoara*. “Eu digo que sou possuído por essa floresta, por essa baía e depois transbordo tudo que ela joga em mim.”

O grupo de Rui do Carmo começou com saraus semanais em Belém, depois realizou encontros com escritores de vários estados dentro da Feira Pan-Amazônica do Livro. Hoje é um instituto organizado em rede na região. A expressão Extremo Norte foi retirada de uma citação do escritor paraense Dalcídio Jurandir, símbolo do movimento. Dalcídio e Rui Barata, outro poeta paraense, formam as inspirações literárias do século 20 para o grupo de Rui do Carmo.

O Pará, onde o escritor vive, possui o melhor índice de bibliotecas da Amazônia, mas Carmo critica. “Essa é uma realidade que precisa ser dita, não adianta a estatística. Vai olhar a condição da biblioteca, ver se é digna de estar lá.” Com uma educação pouco voltada à cultura, Carmo enxerga apenas um jeito de ser produtor cultural no estado: “Tem que chegar e arregaçar as mangas”, diz. “Às vezes, eu digo que tenho a alma verde e o sangue de rio corre nas minhas veias.”

Como foi sua trajetória de poeta a agitador cultural?

Comecei a trabalhar com produção cultural há pouco tempo. Desde 2002, produzo alguns eventos, pois sou escritor e na minha cidade faltam produtores culturais. Foi essa ausência que me forçou virar um, a fazer minha própria obra e levar a poesia – que eu tanto gosto – para o teatro, para as praças e para todos os lugares que eu posso. Com isso, notei que há um grande déficit na nossa história, que é o letramento do nosso estado, o índice é muito baixo. Não adianta só produzir um livro, você também tem que produzir um público leitor, senão nada acontece. E foi a partir dessa ideia que eu comecei na área de produção cultural. Quanto à história do escritor, vem desde cedo. Desde os meus 14, 15 anos, venho escrevendo, só que ficava tudo dentro da gaveta. Aquela poesia de gaveta que a gente vai guardando, guardando, guardando... Foi quando cometi um crime contra essa minha primeira fase de escritor. Eu já estava casado há um tempo, desiludido com a ideia de publicar o que eu escrevi e queimei tudo. Depois, eu voltei a escrever e tem um episódio interessante sobre isso. Eu também sou administrador de empresas e nesse período eu prestava consultoria dentro das faculdades, dando palestras, ainda na

época do disquete. Um dia a Faculdade de Estudos Avançados do Pará (Feapa) me chamou para dar uma palestra sobre atendimento ao cliente. Eu mandei o disquete para a apresentação e esse disquete não abriu. Aí a professora me telefonou e disse: “Rui, pelo amor de Deus, me mande outro disquete, porque eu tenho que apresentar a sua palestra para o diretor, senão não passa”, e eu disse: “Mas agora eu estou trabalhando, não tenho como” e ela disse: “Dá um jeito”, aí falei: “Eu só tenho disquete sujo aqui, serve?” e ela disse: “Servem!”. Aí eu gravei a palestra e pedi para um colega entregar. Ela, como toda mulher, curiosa, abriu além das palestras as outras pastas que estavam no disquete e viu: “Isso é do Rui, o Rui é poeta!” Pela primeira vez me chamaram de poeta (*risos*). “O Rui é poeta, vamos já colocar ele no nosso evento de poesia, o sarau que vai ter lá no Colégio Santa Catarina!” e eu entrei nessa. A partir daí, bateu a vontade de ver as minhas obras publicadas. Eu fui para dentro de uma faculdade e de imediato declamei poesia. Foi assim que começou.

Sua poesia mudou depois que você começou a fazer eventos?

Ah, sim, com certeza. Para mim, a poesia é um estágio de evolução. Se você pega o meu primeiro livro, *O Canto do Curumim*, está lá uma pessoa muito doce, muito amável, ainda com muita relação com a baía – a minha infância foi tomando banho ali na Baía do Guajará – e com a floresta amazônica. Minha esposa é marajoara e eu estava constantemente em Maná, Ilha de Marajó, Ponta de Pedra. Desse envolvimento com a floresta saiu *O Canto do Curumim*. Saiu um outro livro, *O Anjo Marajoara*, no qual se pode ver que estou muito ligado à floresta, ao curupira, à mãe d’água, ao boto e a toda essa literatura que envolve tanta magia. Digo que sou possuído por essa floresta, por essa baía e depois transbordo tudo que ela joga em mim. Na hora de produzir, você se envolve mais. Sente os problemas da floresta, conhece o ribeirão, conhece suas dificuldades, vai lá ver o que acontece. E tem muita coisa triste acontecendo. Quando você passa ali no fundo de Jararaca, vê o tráfico de mulheres que pedem comida nas embarcações. O tráfico humano está passando por ali. Estão levando aquelas moças, as “ribeiríndias”, para fora do Brasil. É um negócio muito triste. E isso ocorre bem perto da gente. Todo esse choque que acontece quando começamos a lidar com o sofrimento humano vai para a poesia. Aí surge o livro *Versos Pobres, Versos Pretos*, que é o meu clamor social.

O que é o Movimento Literário do Extremo Norte?

É a junção de vários colegas. O movimento surgiu empiricamente. ‘Eramos um grupo de amantes da poesia, nos juntávamos em casa e declamávamos po-

esias nossas e de autores nacionais. E esse grupo resolveu ir às ruas. Começou na Praça do Cruzeiro, em Belém, onde subíamos nos bancos para declamar poesias, e de repente o público estava ali nos rodeando para escutar. Montamos uma tenda e começamos a levar essa tenda para as praças. Essa tenda literária começou a ganhar força e deu a esse grupo a união necessária para formar o movimento. Recebemos um convite de um grupo cultural que existia em Belém, chamado Xibé com Arte, para apresentar a poesia que fazíamos na rua, dentro daquele espaço cultural. E reunimos o grupo de escritores. Nessa época, algumas pessoas que estavam conosco já eram renomadas em Belém, como a Heliana Barriga e o Juraci Siqueira. E tinha a outra turma que acreditava que esse projeto só daria certo dentro do Xibé com Arte se tivéssemos o apoio total da imprensa. Eu não acreditava nisso, achava que podia ser feito sem a imprensa. Vimos uma matéria na revista *EntreLivros* que dizia que em São Paulo existia uma casa noturna que promovia saraus toda semana. Aí ficamos com aquele encantamento. Então, o Movimento Norte começou a ir, pelo menos uma vez por semana, no sarau do Xibé com Arte e na primeira apresentação tivemos a imprensa, falada e escrita, que foi lá e apoiou. Só que a imprensa tem outros interesses e não foi mais ao sarau. Aí alguns colegas não participaram mais. No primeiro dia foi lindo: teve exposição de quadros, fantoches, artes cênicas, poesia. Mas depois a turma foi se afastando, querendo a publicidade que nós não tínhamos. Com essas desistências, ficamos só eu e a companheira Izarina Tavares. Alguns dias ficava somente eu e Izarina no Xibé, e dizíamos: “Não, nós não vamos desistir, eles nos abriram um espaço”. Aí, outras pessoas começaram a acreditar no projeto, e começaram a se juntar a nós. Depois de uma batalha de seis meses, nós vimos o Xibé cheio. Foi emocionante quando eu vi aquele espaço lotado de pessoas que queriam escutar poesia, me afastei e comecei a chorar. Aí a Izarina foi lá e disse: “O que foi, negão?” e eu disse: “Não dá para aguentar, depois de toda essa luta...”. E era um negócio tão interessante, tão gostoso, que às vezes quando a declamação atrasava, tinham uns vizinhos que gritavam: “Ué, hoje não vai ter poesia?” (*risos*). Aí começamos a ganhar os espaços do estado, os teatros: o Margarida Schivasappa, o Waldemar Henrique, a Estação Gasômetro. A partir daí, nosso trabalho começou a ser reconhecido e as portas começaram a se abrir. Até que nós chegamos com o MLEN ao 1º Extremo Norte – Encontro de Escritores da Amazônia.

Os escritores que se uniram têm uma linguagem comum ou eles apenas dividem o espaço?

É o espaço que se divide. Porque nós resolvemos – para não fechar nin-

guém – não escolher uma escola literária. Não tem essa coisa do: “Ah não, eu sou do concretismo, eu sou do romantismo...” Não. Está aberto para todos. E o movimento é isso. Não é só de escritores é de amantes da poesia. Nós temos o doutor João Carlos, por exemplo, que é médico. Ele vai para lá porque gosta de poesia, ele pega seus autores preferidos e vai declamar. O Omar Abraão é engenheiro e também vai lá para declamar poesia. E gosta muito da poesia regional, de vez em quando está declamando Bruno Menezes, Paes Loureiro. E assim vamos levando.

Fora o Pará, existe uma identidade entre os escritores da região Norte?

Existe. Quando fizemos o 1º Extremo Norte, nós conseguimos a participação de pessoas do Amapá – que foram em grande número. É tanto que fui lançar o meu livro *Versos Pretos, Versos Pobres* em Macapá e montamos lá um grupo que representa o movimento: Ricardo Pontes, José Pastana, Leão Zagury, Paulo Tarso. O pessoal de Macapá comprou a bandeira do Extremo Norte e faz a poesia acontecer lá, tanto quanto nós fazemos em Belém. A Carla Nobre, que é uma poetisa maravilhosa de Macapá, agita a cidade. E pelo lado de Roraima, o Eliaquim Rufino. Em Manaus, apareceu um presente da Secretaria de Cultura, o Thiago de Mello.

O que é o Extremo Norte?

A expressão Extremo Norte surgiu em homenagem a Dalcídio Jurandir. Os três primeiros romances de Dalcídio Jurandir, *Marajó*, *Chove nos campos de cachoeira* e *Três casas e um rio*, deram origem ao Extremo Norte. A obra dele merecia ser divulgada, porque ele é um dos maiores romancistas do Brasil. Essa é a verdade. É uma coisa maravilhosa. O meu primeiro romance *Lurdinha* tem muitas influências do Dalcídio.

E virou um instituto, o Extremo Norte?

Já estávamos atuando na área de produção e chegávamos às secretarias de cultura, à Fundação Cultural do Pará e à Fundação Cultural Munic de Belém (Fumbel) em busca de patrocínio, mas eles não podiam nos apoiar porque éramos um movimento e não tínhamos CNPJ. Essa era a desculpa, na época. Aí percebemos que tinha chegado a hora de deixarmos de ser um movimento para passarmos a ser um instituto. Aí foi outra luta, porque todos os nossos projetos, o Poeta Enluarado, o Poesia na Praça, o De Casa em Casa eram bancados por nós. Cada um dava um pouco para alugar um barco, para pagar o ônibus, o combustível e assim conseguíamos pagar as

despesas. Foi sempre assim. Depois de muita luta, de muitos eventos, conseguimos arrecadar o dinheiro necessário para transformar o movimento em instituto. E fizemos, em 2009, o 3º Extremo Norte, já como Instituto Cultural Extremo Norte, só que o apoio financeiro não veio e a desculpa foi a crise. Não veio apoio de nenhum lugar. Houve cortes imensos na cultura, a Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves quase faliu porque tiraram todo o dinheiro dos projetos que ela patrocinava com a desculpa da crise econômica. E há pouco tempo decidimos que vamos continuar sem olhar para o governo. Se ele quiser apoiar vai ser bem-vindo. Caso contrário, não impede que a nossa canoa siga avante.

Uma pesquisa do Ministério da Cultura, de 2009, revelou que apenas 6% das cidades da região Norte possuem livrarias. Como isso se reflete na produção literária da região?

Gravemente. Porque a exclusão social aumenta a exclusão cultural. Quando uma sociedade lê pouco, ela enfrenta inúmeras barreiras por causa disso. Isso influencia porque quando você tenta publicar um livro por meio de uma lei e é aprovado, em seguida você tem que procurar uma empresa para patrocinar o livro. Aí acontece uma coisa que eu acho horrível, você cai na questão da renúncia fiscal. A empresa pode patrocinar o seu livro, mas ela também pode patrocinar uma peça de teatro ou algo semelhante. E aí você vai concorrer com muitos projetos, principalmente na área de esportes e de shows. O empresário logo pergunta: “No lançamento do seu livro irão quantas pessoas?” Aí você responde: “Bem, no máximo, umas 300.” E ele: “Tá. E você precisa de quanto?” E você diz: “Para produzir meu livro, para mil exemplares, uma média de R\$ 8.500.” Aí vem outro cidadão e diz “Vou promover um passeio ciclístico em prol disso aqui, daquilo ali...” E o empresário pergunta mais uma vez: “Quantas pessoas vão?” “Ah, umas duas mil pessoas.” Aí, já foi o seu dinheiro! Você está fora. Só se consegue patrocínio para coisas que sejam do interesse deles, ou quando conseguir um apadrinhamento. Eu só tive dois livros publicados e pela empresa em que eu trabalho. Aprovei na lei e procurei a diretora da fundação e ela patrocinou dois livros meus. Para publicar os outros, eu tive que correr atrás. Principalmente, *Versos pobres, versos pretos*, que trata de temas sociais e do qual eu não abria mão de uma vírgula do que estava escrito ali. A lei diz 0,02% do orçamento do Estado deve ser destinado à cultura. O que daria uma quantia em torno de R\$ 600 mil. Mas aí tem uma pilha de mil projetos concorrentes. Desses mil,

só 300 são aprovados. E só 40% desses projetos que foram aprovados chegam ao público. O restante do dinheiro volta confortavelmente ao cofre do Estado. Minha função não é a de fiscal, de ficar pedindo de porta em porta. Eu passei por um crivo de três pessoas, que olharam o meu projeto e deram notas. Se são pessoas consideradas idôneas, pessoas de notável saber dentro daquela área, então por que o Estado não libera o dinheiro, já que ele aprovou? E deixa o fiscal ir atrás da arrecadação.

Como se pensar um projeto cultural que estimule a chegar no leitor, a estimule a leitura, a se ler poesia?

Tem que envolver toda a sociedade, desde órgãos governamentais até você e sua família. A leitura é hoje um bem essencial para a entrada no mercado de trabalho, para o exercício da cidadania, para conhecer a si mesmo e ao seu próximo. Só sairemos desse estágio quando nossas escolas estiverem preparadas para trazer o aluno não com a leitura obrigatória, mas com a leitura como um deleite. Não sei como é aqui em São Paulo, mas lá são pouquíssimas as bibliotecas que dão ao aluno dignidade e o fazem se sentir bem. Você encontra livros ultrapassados, rasgados, um ambiente completamente sujo, um calor estúpido. Como é que as pessoas podem ficar numa quentura daquela? Tem que ter uma mudança que envolva todo esse cenário. Dentro da escola, no governo, em casa, incentivando seu filho a ler e trazendo literatura. É assim que se forma.

E deixar de pensar que o escritor é um ser de outro planeta. Vou contar uma coisa que aconteceu numa escola lá em Icoaraci. Eu estava dando uma palestra e na sala tinha uma gurizada de cinco, seis anos. E eu comecei a falar, fiz umas brincadeiras com elas, e, de repente, uma me pergunta: “Tio, o senhor está vivo?” Eu disse: “O quê?” E ela: “É, o senhor está vivo?” Aí falei: “Claro que estou, você não está vendo? Por que está perguntando se eu estou vivo?” E ela respondeu: “Porque toda vez que a mamãe vai me contar uma história e eu pergunto quem é o escritor, ela diz que o escritor já morreu” (*risos*). Aí você vê como está a coisa...

E o Pará ainda tem a maior concentração de bibliotecas da região Norte...

Sim, tem a maior concentração de bibliotecas do norte, agora em que condições? Tem algumas até razoáveis, mas nenhuma em estado excelente, a maioria está em péssimas condições. Essa é uma realidade que precisa ser dita, não adianta a estatística. Vai olhar a condição da biblioteca, ver se é digna de estar lá. Em que condições estão essas bibliotecas? Essa é a pergunta.

Como é, no dia-a-dia, fazer produção cultural no Pará?

É amor. Nada mais. É amar aquilo que você faz. Para fazer produção cultural você tem que amar e acreditar que pode contribuir com a sociedade, com o bem-estar do seu povo. É o tipo da coisa que você vai fazer e que não vai te dar um retorno financeiro, mas que te faz bem. Para fazer produção cultural no Pará, você tem que gostar, tem que chegar e arregaçar as mangas. Temos um projeto que considero lindo, o Canoa de Sonhos. Verificamos que em volta de Belém há um grande número de ilhas que pertencem a Belém: Caratateua, Combu, Periquitaquara, Caruaru, a própria Ilha de Mosqueiro, que são locais geograficamente excluídos. Então, juntamos um grupo de pessoas, com contadores de histórias, pessoal de fantoches, artes cênicas, músicos, poetas, que passam o dia naquela comunidade, produzindo. E a única coisa que cobramos dessas comunidades, dessas unidades pedagógicas onde passamos com a Canoa de Sonho, é que mostrem o que a comunidade faz. Qual é o tipo de dança praticada lá? Qual é o artesanato? E aí a gente vai aprendendo outros ritmos, outros sons.

A Feira Pan Amazônia, o que é?

Ah, é uma loucura, lindo, muito lindo. Mas é uma dor de cabeça grande também. Ela está como a terceira ou quarta feira do Brasil. É num hangar, num centro muito grande criado lá em Belém; uma série muito grande de eventos. Não é só para vender livro. A feira, apesar daquele público imenso que vai lá, é um lugar de debate, de discussões. E assim a gente vai falando dos nossos problemas, dificuldades e da própria escola. Os professores que fazem coisas diferentes, nós chamamos lá no Extremo Norte, na Feira Pan Amazônica de Livro, para dar seu depoimento, seu relato de experiência com a comunidade. Aí a coisa pega fogo, é algo diferente, muito bonito. Na feira, é quando a gente tem contato com os escritores daqui do Sul e do Sudeste. E ainda tem aquela dor da produção literária, que o que o Brasil precisa ler ainda é dito por São Paulo. Se nós não viermos para cá, não tem uma editora que se interesse em fazer a publicação nacional dos nossos livros.

Para um escritor ficar conhecido com a voz do Norte, ele tem que sair para o Sudeste?

Tem que sair. Tem que pegar o Ita, que é o antigo navio que trazia as pessoas de lá.

O Rio Grande do Sul conseguiu criar uma literatura que se sustenta com as próprias vendas e nem chega aos outros lugares do Brasil. No Pará, existe isso também?

Tem uma editora heróica lá chamada Pacatatu, que está para ser engolida, mas até agora luta heroicamente. Porém, para fazer esse público leitor que venha a consumir, você precisa fazer hoje o que nós estamos fazendo com nossos projetos, de ir às escolas, de deixar de ser desconhecido pelos alunos. Sempre que abre uma brecha, estamos lá na Universidade Estadual do Pará, na Universidade Federal do Pará, nas faculdades todas, nas escolas, principalmente as públicas. Estamos sempre fazendo essa interação, porque a gente só ama aquilo que a gente conhece. E só defende aquilo que ama. Então, você precisa se fazer conhecido, amado, para poder ser defendido. Aí sim você forma um público leitor. Acontece que os pacotes de livros que vêm para a escola já vêm fechados. As grandes editoras são daqui, as maiores livrarias que estão lá são filiadas às daqui. Elas levam para as escolas os livros didáticos em um pacote pronto. Tem uma dificuldade imensa de você entrar com o seu livro nesse universo.

Para você, qual seria a possibilidade de uma política que juntasse produção cultural e educação e que criasse um maior grau de leitura no Brasil?

Primeiro a gente tem que parar com a hipocrisia. Dizer que está melhorando e que isso e que aquilo... Antes de vir para cá, nós estávamos em Santo Antônio do Tauá e lá estava aquele “aluno jacaré”, aquele que não tem onde sentar e se deita no chão para assistir a aula. É brincadeira dizer que está se levando a cultura a sério. Uma criança que tem que sair de bicicleta não sei quantas horas antes do começo das aulas ou ir a pé até uma escola vai amar alguma coisa, algum tipo de cultura? Eles estão cansados demais. Chegam à escola e correm para pegar uma cadeira. Aquele que conseguiu pegar, senta, o que não conseguiu vai ficar deitado no chão. Quando saímos das estatísticas, vemos que a realidade é outra. Existem grandes problemas. É preciso reciclar o professor. Existe uma lei que introduz nas escolas a história do negro e do índio, que ainda não saiu do papel. Têm algumas manifestações, pouquíssimas. Nós vemos a grande influência que esses povos têm na nossa cultura. A nossa música preferida é o samba, o nosso prato de comida é o feijão. Temos que resgatar essa coisa forte do índio, do negro dentro da nossa escola e mudar essa realidade.

Por que todo Rui tem um rio?

“O rio é o Rui que ri / o Rui é o rio que chora / o rio transborda no Rui / o

Rui em rio verso e prosa”. O rio é tudo isso aí, é essa intensidade. A gente não pode pensar pequeno, porque tudo é grande lá. As distâncias são imensas, nossos rios são imensos. Às vezes eu digo que tenho a alma verde e o sangue de rio corre nas veias. E isso eu jogo na poesia. Essa influência é muito grande e nos leva a todos esses personagens. “O boto, moço bonito, da beira do rio, o príncipe das águas / que das noites enluaradas emerge das fontes sagradas, nascentes de rio / sou boto bonito que ama cunhã / com paixão tão ardente que o coração sente saudades mil / sou moço bonito, que chega com a lua e parte ruas do rio / deixando a cunhã a doce saudade de um amor consagrado num leito de rio”. E assim a gente vai levando.